

**Um inédito de Odorico Mendes: a versão de 1847 do primeiro livro da *Eneida*<sup>1</sup>**

Paulo Sergio de Vasconcellos  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
odoricano@gmail.com

**RESUMO:** Neste artigo divulga-se e estuda-se brevemente um texto inédito: a tradução do primeiro canto da *Eneida* que se encontra num manuscrito que foi depositado na Biblioteca Nacional em 1847. Além de dar a conhecer um texto inédito de tradutor importante e influente, visa-se também oferecer uma breve análise comparativa dessa versão com as publicadas em 1854 e 1858, a última, lançada em vida do tradutor. Nossa análise conclui que as versões posteriores realizam modificações para tornar léxico e sintaxe mais elevados, ou menos banais, além de empregar, em certas passagens, expressões que, em comparação com a primeira versão, estão mais próximas do original latino. Por fim, há alterações que parecem introduzidas para realçar o aspecto sonoro ou rítmico de uma figura que o tradutor percebe no original. Em anexo, apresenta-se a transcrição do manuscrito com atualização da ortografia.

**Palavras-chave:** tradução; Eneida; Odorico Mendes.

76

**An unpublished work by Odorico Mendes: the 1847 version of the first book of the Aeneid**

**ABSTRACT:** In this article, an unpublished text is presented: the translation of the first book of the *Aeneid*, found in a manuscript housed in the Brazilian National Library in 1847. Beyond this primary goal of introducing an unpublished text by an important and influential translator, the aim here is also to provide a brief comparative analysis of this version with those published in 1854 and 1858, the last version of the *Aeneid*, published during the translator's lifetime. Our analysis concludes that the later versions make modifications to elevate the vocabulary and syntax, rendering them less banal, and employ in certain passages of the text expressions that, compared to the first version, are closer to the original Latin. Finally, there are changes that seem to have been introduced to highlight the sound or rhythmic aspect of a figure that the translator perceives in the original. A transcription of that manuscript, presented with modern orthography, is included in the appendix of this paper.

**Keywords:** translation; Aeneid; Odorico Mendes.

<sup>1</sup> Agradecemos fortemente aos funcionários da Biblioteca Nacional que nos encaminharam cópia digitalizada do manuscrito e sanaram dúvidas quanto a palavras de difícil leitura na apresentação que dele faz seu doador.

## Introdução

Em 1847, viúvo, Manuel Odorico Mendes se muda para a França ao lado dos filhos e de sua irmã;<sup>2</sup> o outrora deputado por três legislaturas e inspetor aposentado da Tesouraria-Geral do Rio de Janeiro, moraria em Paris até se mudar para a Itália em 1861;<sup>3</sup> na capital da França publicaria a *Eneida Brasileira* em 1854 e, em 1858, uma tradução das três obras do poeta latino, o *Virgílio Brasileiro*.<sup>4</sup> Como tradutor, Odorico publicara no Brasil duas versões de tragédias de Voltaire, *Méropé* (1831) e *Tancredo* (1839).<sup>5</sup>

A *Eneida Brasileira* de 1854 foi um sucesso editorial, esgotando-se em quinze dias. Fato pouco conhecido, porém, é que o tradutor já trabalhava na tradução da epopeia virgiliana antes de partir para a Europa, conforme veremos. Assim, tem-se de retificar a informação contida no verbete “Odorico Mendes” do Dicionário de Tradutores: “Em Paris, começou a traduzir ao português a *Eneida*, de Virgílio, publicando-a pela primeira vez em 1854, na Tipografia de Rignoux, em uma edição que se esgotaria em quinze dias”, texto reproduzido (assim como todo o verbete) no site do IBGE (<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=434893>).

Há na Biblioteca Nacional um manuscrito datado de 20 de setembro<sup>6</sup> de 1847 que contém uma tradução do primeiro livro da *Eneida* por Manuel Odorico Mendes. Trata-se de doação de Manoel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879)<sup>7</sup> àquela Biblioteca. Na apresentação do conteúdo, Porto-Alegre declara sobre aquele manuscrito: “é do próprio punho do meu particular amigo o Sr. Manoel Odorico Mendes”. Do próprio doador do texto, lemos ainda: “N.B. O Tradutor no momento de [partir?]<sup>8</sup> para a Europa, a educar seus filhos, tinha já completado a versão do 6º. Livro”. Vê-se que Odorico já estava imerso na tarefa de traduzir a *Eneida* antes de sua viagem. Na França, reverá o que já tinha feito (deduz-se da versão do primeiro livro contida no

<sup>2</sup> LEAL 1987, p. 30. Militina Jansen de Müller, informa a mesma fonte, permaneceu desde os dezesseis anos ao lado do irmão; Leal ouviu da personagem várias histórias que conta em sua biografia. Foi Militina, como diz Odorico no prólogo de sua *Ilíada*, quem lhe sugeriu que, completada a tradução de todo Virgílio, passasse a traduzir Homero e quem recolheu seus papéis após sua morte.

<sup>3</sup> LEAL 1987, p. 33. Odorico voltaria para Paris em 1863, cerca de um ano antes de sua morte.

<sup>4</sup> Vejam-se as referências completas das duas edições na seção “Referências”, no final deste artigo.

<sup>5</sup> Em reedição mais recente, MENDES, 1999.

<sup>6</sup> Grafado “7bro” no manuscrito (uma informação dada pela Biblioteca Nacional, pois com a cópia digitalizada era-nos impossível estabelecer com segurança de que mês se tratava). Agradeço a Mônica Velloso Azevedo, chefe do Setor de Informação Documental da Biblioteca Nacional, pela gentileza de prontamente nos esclarecer a respeito.

<sup>7</sup> Para uma breve biografia desse intelectual e artista multifacetado, veja-se o texto que consta do site da Academia Brasileira de Letras: <https://www.academia.org.br/academicos/araujo-porto-alegre/biografia>.

<sup>8</sup> Ilegível no manuscrito, mas pelo contexto deve ser mesmo “partir” (mesma opinião tem a funcionária da Biblioteca Nacional acima mencionada, a quem consulte).

manuscrito) e acrescentará notas e comentários variados que demonstram intensa pesquisa filológica. Se, então, comparamos as três versões do primeiro livro (no manuscrito, na *Eneida Brasileira* e no *Virgílio Brasileiro*), percebemos que o tradutor está sempre burilando sua tradução, não se contentando com o resultado primeiro. O cerne permanece o mesmo nas três versões, mas cada uma delas têm suas especificidades.

Uma comparação entre o manuscrito da *Eneida* e as duas versões publicadas revela algumas tendências que ajudam a iluminar os ideais tradutórios de Odorico Mendes. Há nas modificações introduzidas uma inclinação a elevar a linguagem, empregando vocabulário menos usual e sintaxe menos direta; além disso, o tradutor almeja, ao que parece, ser mais preciso, mais aderente ao que diz a letra do texto latino. Por fim, percebem-se ocasionalmente alterações que visam a salientar efeito de som ou ritmo que o tradutor percebe no original. Vamos ilustrar esses aspectos numa análise que não se pretende exaustiva, pelo contrário; tendo em vista a limitação do espaço, apresentaremos uma seleção de casos dentre as passagens que poderiam exemplificar o que dizemos.

## 1. A elevação do léxico e da sintaxe

### 1.1. Léxico

78

Logo nos primeiros versos das traduções, na passagem de autoria discutida<sup>9</sup> (quatro versos latinos que antecedem o célebre exórdio *arma virumque...*) que Odorico incorpora a suas versões, temos um exemplo de uma maior elevação do vocabulário nas versões posteriores à do manuscrito. De fato, no segundo verso, temos “[...] e, **ao sair** dos bosques”; nas edições de 1854 e 1858, lê-se “e **egresso** das florestas”. Outros exemplos, dentre muitos, que selecionamos:

-Os versos 7-8 da proposição soam no manuscrito de 1847 assim: “Primeiro à Itália e de Lavino às praias,/ Prófugo, o trouxe o fado. [...]”. Em 1854, vê-se um rearranjo da ordem das palavras; os versos correspondentes são: “Prófugo, à Itália e de Lavino às praias/Trouxe-o primeiro o fado”. A versão de 1858 acrescenta uma nota mais erudita: “Primeiro os fados prófugo aportaram/Na Hespérica Lavino”. No original de Virgílio não há equivalente para o termo erudito “Hespérica”: *primus [...]/Italiam, fato profugus, Lauinaque venit/Littora* (2-4).<sup>10</sup> Note-se também que o “trouxe” das duas primeiras versões, verbo usual, é substituído pelo mais elevado “aportaram”. Na versão de 1858, o virgiliano

<sup>9</sup> Cf. CONTE, 1996, p. 84-87.

<sup>10</sup> Literalmente: “primeiro [...], prófugo pelo fado à Itália veio e aos litorais lavínios”. Os textos latinos serão citados de acordo com o texto reproduzido no *Virgílio Brasileiro* de 1858.

*Troia ab oris* (v. 1) é vertido por um adjetivo erudito “**êxul** de Troia”; no manuscrito e em 1854, tem-se o banal “lá de Troia”.<sup>11</sup>

-Os versos 11-12 do manuscrito são estes: “Muito em guerras passou, quando a cidade/Fundava [...]”. Nas versões posteriores, temos: “Muito em guerra sofreu, na Ausônia quando/Funda a cidade”. É bem provável que ao empregar o verbo “passou” o tradutor tenha querido ecoar os sons do particípio *passus*; note-se, de resto, que “passar” pode ter o sentido de “sofrer” (ver Moraes).<sup>12</sup> O mais vistoso aqui é o emprego de outra forma erudita, “Ausônia”, que, como “Hespérica”, exigiria nota explicativa para esclarecer o leitor não especialista. Em suma, no original virgiliano em questão não há correspondentes literais de “Hespérica” e “Ausônia”.

-No verso 101 do manuscrito, temos a oração “some-se o dia”, que nas versões posteriores se torna “tolda-se o dia”.

- O verso 126, “Três (que vista!) em restingas Euro encalha”, torna-se, posteriormente, “Três no parcel (que lástima!) Euro esbarra”.

-No verso 135, temos o mais banal “Boiam nas ondas”, que nas versões seguintes se torna “prea das ondas”, empregando Odorico o arcaísmo “prea” (na grafia atual, “preia”) por “presa”. Mais um exemplo de preferência pela expressão arcaica: no verso 170 do manuscrito, temos a oração “quando olha o padre”, banalizada na versão de 1854 em “quando olha o deus”, mas elevada na versão de 1858 com arcaísmos: “desque olha o padre”.

-No verso 347, temos a expressão mais usual (mas se note a inversão) “à toa andamos”, que é substituída por um só verbo, “vagueamos”, nas versões posteriores.

-Um caso significativo envolve elevar o vocabulário enfatizando um sentido metafórico sutil do original. O verso 392 é, no manuscrito, “No Olimpo encerra o dia [antes que eu cesse]”. Nas versões posteriores, temos: “[Vésper]” sepultará primeiro”. No latim, temos forma do verbo *componere*, que, como informa o *OLD*, pode ter o sentido de “sepultar” (“bury”, s.v. 4). Registre-se que o português Barreto Feio, em sua tradução poética, também mantém a imagem empregando a forma “sepultará”. O “encerra” do manuscrito não evocará tão fortemente a ideia de sepultamento como a forma verbal “sepultará”. Exemplo comparável temos na substituição de “Larga o vestido aos pés” (v. 423) por “A veste escoar aos pés”, em que o verbo “escoar” mantém a imagem aquática do latim [...] *pedes vestis defluxit ad imos* (v. 408). Confronte-se: “O vestido lhe desce até as plantas”

<sup>11</sup> Esclarecemos de antemão que não damos aqui juízo de valor à expressão “banal” e seu oposto “elevado”; uma tradução não é automaticamente melhor porque seu vocabulário é mais elevado. Não diremos que Odorico Mendes aperfeiçoou sua versão da *Eneida*, mas que a modificou seguindo certas tendências que nos parecem claras.

<sup>12</sup> Cf. <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/search/?q=p%C3%A1ssara#m1217>.

(Barreto Feio); “Até os pés...as vestes lhe descem” (Carlos Alberto Nunes); “A veste descera até à base dos pés” (Carlos Ascenso André).

- “De mar em mar corridos, remessou-nos” (v. 394) se torna, nas versões de 1854 e 1858, “Vagos no equóreo campo”. Essa última expressão é camoniana: “Nem nos equóreos campos Ninfa viva” (*Os Lusíadas* IX, 48, 6).

Poderíamos apresentar muitos casos mais, pois esse aspecto das modificações feitas por Odorico Mendes na versão do manuscrito é o mais vistoso; entretanto nossa intenção é ilustrar o fenômeno sem sermos exaustivos.

## 1.2. Sintaxe: inversões da ordem das palavras

A ordem das palavras é por vezes alterada na passagem da primeira versão às duas outras:

- “E o cadáver cedia a peso de ouro” (v. 509) se torna “De ouro a peso vendia-lhe o cadáver”. Desfaz-se a inversão “o cadáver cedia” ao se empregar “vendia-lhe o cadáver” (secundariamente, vê-se que Odorico quer se manter mais próximo do virgiliano *vendebat*, v.488), mas se cria nova e mais forte inversão: “a peso de ouro” / “De ouro a peso”.

- “Sempre ufano/ Da Teucra antiga estirpe”... (v.654-655) se torna “Da linhagem/Teucra anciã blasonando”. Além do erudito “blasonando”, entre outras modificações, a construção ganha uma inversão à ordem usual com objeto precedendo verbo

## 2.Maior precisão

Comparando-se as três versões do primeiro livro, vê-se que há momentos em que o tradutor parece alterar sua versão para a tornar mais literalmente aderente ao original. Por vezes, o vocabulário muda para se adotar palavra mais próxima do latim. Apontemos alguns casos:

-No verso 29 do manuscrito, temos construção semelhante à de um ablativo absoluto, “derribada a Líbia”; que passa a “desmoronada a Líbia” em 1854; porém, a versão de 1858 fica mais literal: “para exício da Líbia”. No latim temos *excidio Libyae* (v.26); *excidium* denota “military destruction”, segundo o OLD; “exício”, um latinismo significando “ruína”, traz sonoridade muito semelhante à palavra latina, e a construção sintática se torna muito mais próxima. Cf. “mais que acesa” (v.39), no manuscrito, e “**sobre**-acesa” nas versões posteriores, adotando-se o equivalente português do *super* do original: *accensa* **super** (v.33), e o caso de “imano” (v. 39 no manuscrito), substituído por “imite” nas versões posteriores (*immitis*, v. 43, no original). No verso 43 do manuscrito temos “sorte”, mantido na versão de 1854, mas substituído por “fado” na versão de 1858, quando no original há *fatis* (v. 36).

- O verso “[opressos os Troianos/] Da marejada e do **ruído** etéreo”(v. 145) é repetido sem mudanças na versão de 1854, mas na de 1858 tem-se “Da marejada e da **ruína** etérea”. Fica-se mais próximo do latim, ao substituir-se “ruído” por “ruína”, já que o original soa: *fluctibus opressos Troas coelique ruína* (v.133).
- Os versos “Ó única em ter mágoa/De tanto horror” (v. 624-625) se tornam, na edição de 1858, apenas, pois a de 1854 repete a versão do manuscrito: “Ó tu, que hás só piedade/De tanto afã”. O original soa *O sola infandos Trojae miserata labores!* (v. 601). Se o “horror” do manuscrito parece inspirado pelo *infandos* do original, “afã” mantém mais de perto o sentido de *labores*.
- Um trecho de uma passagem célebre, *Non ignara mali* é vertido no manuscrito “Do mal provando (v. 659)”, mas nas versões posteriores se lê “Não do mal ignara”, expressão bem mais próxima do latim *Haud ignara mali* (v.634); de fato, a tradução é literal, mas Odorico adota uma inversão: *ignara mali/do mal ignara*.
- Temos no manuscrito, nos versos 727-728, uma expressão que Odorico eliminará sem mais na versão de 1858: “Já de áurea tela em suntuoso leito/Acha a Dido, **bizarra entre os magnatas** (v. 727-728). Na versão de 1854, ainda se conserva tal expressão “Já d’áurea tela em suntuoso leito/Acha a Dido, **bizarra entre os magnatas**”, mas na de 1858 ela é eliminada: “Já de áurea tela em suntuoso leito/No centro colocada acha a rainha”. Observemos, além disso, que “no centro”, acréscimo da versão de 1858, é um termo equivalente ao latim *mediam* (v.702), que não tinha correspondente na versão do manuscrito e na de 1854. Sobretudo, o tradutor elimina o supérfluo “entre os magnatas”, que escapa da letra do original.

Vários outros exemplos poderiam ser aqui arrolados. Entretanto, ressalvemos que por vezes se vê movimento contrário, isto é, a versão do manuscrito apresenta tradução mais literal que é modificada posteriormente em forma menos literal, mas isso se dá bem mais raramente e por certo o tradutor deveria ter suas razões para tal. Exemplos desse procedimento são: *juvenes* (v. 659), traduzido por “moços” no manuscrito e na versão de 1854, mas por “guerreiros” na de 1858, e *tauri* (v.638), vertido por “touro” no manuscrito e na versão de 1854, mas por “bois” na de 1858. Destacamos “[...] Ele atrás da mãe fuginte,/Reconhecendo-a, brada”(v. 424-425), repetido na versão de 1854 mas modificado na de 1858: “Ele, a mãe reconhecendo/Atrás se foi queixoso” (v. 426-427). Nessa última versão desaparece o latinismo “fuginte”, que traduzia *fugientem* (v. 410).

### 3. Realçando efeitos poéticos

Odorico Mendes se revela bastante atento a efeitos poéticos do original que possam advir de jogos de som, ritmo e ordem das palavras (por vezes,

mimética);<sup>13</sup> vê-se claramente aqui e ali sua tentativa de recriar em português tais efeitos.<sup>14</sup>

Na sonora descrição da tempestade do livro I, destaquemos um verso célebre: *Insequitur clamorque virum stridorque rudentum* (v.91). No manuscrito temos “Soa o pranto, o alarido; enxárcias ringem” (v.100). Note-se a duplicação “pranto”, “alarido”, dois substantivos para verter *clamor*, desfeita nas versões posteriores: “Homens gritam, zunindo a enxárcia ringe”. Interessa-nos aqui a aliteração em /i/, som agudo que imita o ranger ou ringir dos cabos e o grito agudo da tripulação. Esse efeito é mais pálido na primeira versão, mas ganha destaque maior com o acréscimo de “zunindo” nas versões posteriores: “Homens gritam, zunindo a enxárcia ringe”. Notemos também o novo eco introduzido: zunindo...ringe.<sup>15</sup> Algo semelhante parece estar envolvido na escolha de uma forma variante para realçar a assonância em /i/. O verso 105 do manuscrito diz: “Frígido, arrepiado, Eneias geme”. Nas versões posteriores, em vez de “arrepiado”, Odorico emprega “arripiado”, salientando a assonância: “Frígido arripiado”... A forma “arripiado” consta do dicionário Bluteau (1728)<sup>16</sup> e Moraes (1789),<sup>17</sup> léxico bastante citado em suas notas. Este último registra as variantes “arripiar”/ “arrepiar”. No manuscrito, Odorico preferiu uma forma; nas versões posteriores, outra, provavelmente por causa do efeito sonoro pretendido.

-O verso virgiliano 190 descreve um rebanho de cervos em fila: *A tergo, et longum per valles pascitur agmen*<sup>18</sup>. O verso é muito expressivo: uma disjunção em *longum...agmen*, com o adiamento do segundo elemento do sintagma realçando a ideia contida em *longum*, e a iteração de espondeus, que ocupam os quatro primeiros pés. Na primeira versão temos “E em longa fila pelos vales pasta” (v. 201), mas nas versões posteriores se lê “E enfileirado pelos vales pasta”, com um grupo rítmico “E(en)fileirado” ocupando cinco posições métricas, uma recriação mais livre na tentativa de oferecer um análogo efeito ao verso em português.

-O verso 240 do manuscrito é “Triste e os nítidos olhos orvalhando” e se torna, nas versões seguintes, “Triste os gentis luzeiros orvalhando” (v. 242), apresentando uma alternância das vogais /i/ e /e/: trist(e)os gentis luzeiros orvalhando” (além da elevação do léxico: “olhos” é substituído por “luzeiros”). No original latino, *Tristior, et lacrymis oculos suffusa nitentes* (v. 232).

<sup>13</sup> Sobre “sintaxe mimética”, veja-se o estudo de Hasegawa em DAINOTTI; HASEGAWA; HARRISON, 2024, p. 149-167; a dissertação de mestrado de GONÇALVES, 2021; LATEINER, 199; e, no caso de Odorico Mendes, VASCONCELLOS, 2021. Sobre a expressividade no emprego da ordem das palavras na *Eneida* de Virgílio, é fundamental o estudo de DAINOTTI, 2015, que trata também de iconicidade da sintaxe.

<sup>14</sup> Remetemos ao prefácio em VASCONCELLOS, 2008, bem como ao artigo VASCONCELLOS, 2021.

<sup>15</sup> Deixamos de lado outros traços sonoros significativos do verso latino, como o que assinalamos em maiúsculas: *sequitUR clamORque uIRum stridORque rudentum*.

<sup>16</sup> Cf. <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/search/?q=arripiado#m523>.

<sup>17</sup> Cf. <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/search/?q=arrepiar#m192>.

<sup>18</sup> Literalmente: “Atrás e pelos vales longa fileira pasta”.

-Comentando em nota do *Virgílio Brasileiro* os versos 721 e 726 (no manuscrito, v. 719-724), Odorico Mendes (VASCONCELLOS, 2008, p. 54) observa: “Para mais doçura e harmonia, empregam-se líquidas e vogais”. Destacamos a sonoridade do /o/ aberto e fechado, em alternância, por exemplo, em “No colo o amima e o sobe ao luco Idálio”. Ora, um dos versos dessa passagem no manuscrito foi modificado na última versão; soava “Finge **contente** Amor de Iulo o porte” e se torna “Finge **gozoso** Amor de Iulo o porte”. Essa ligeira modificação acentua o emprego expressivo da vogal /o/.

## CONCLUSÃO

Uma comparação entre a versão do manuscrito de 1847 e as duas versões posteriores, publicadas em vida do tradutor, revela a preocupação de Odorico Mendes em burilar sua versão; nesse processo, como esperamos ter demonstrado aqui, pode-se perceber algumas tendências em ação: maior elevação da linguagem, por vezes introduzindo arcaísmos; mais uso de inversões; busca de maior aderência à letra do texto; preocupação com efeitos poéticos. O conjunto da tradução não é drasticamente alterado, mas as modificações feitas, esperamos tê-lo demonstrado, são significativas.

Em anexo, apresentamos uma transcrição inédita do manuscrito, mina a ser explorada por quem deseja penetrar nos detalhes das estratégias tradutórias de Odorico Mendes.

## REFERÊNCIAS

- CONTE, Gian Biagio. **The rhetoric of imitation**: Genre and poetic memory in Virgil and other poets. Ithaca/London: Cornell University Press, 1996.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (ed.). **Os Lusíadas de Luís de Camões**. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1972.
- GONÇALVES, Willamy Fernandes. **Sintaxe mimética na épica latina**: a questão dos testemunhos e um comentário a *Metamorfoses I*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) –Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2021.
- HASEGAWA, Alexandre P. Iconic word order in Horace’s *Odes*. In: DAINOTTI, Paolo; HASEGAWA Alexandre Pinheiro; HARRISON, Stephen (ed.). Berlin/Boston: De Gruyter, 2024, p. 149-167.
- LATEINER, Donald. Mimetic Syntax: Metaphor from Word Order, Especially in Ovid. **The American Journal of Philology**, v. 111, n.2, p. 204-237, 1990.
- LEAL, Antônio Henriques. **Pantheon maranhense**: Ensaio biográficos dos Maranhenses ilustres já falecidos. 2.ed. Tomo I. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.
- MENDES, Manuel Odorico. **Eneida brasileira ou tradução poetica da epopéa de P. Virgilio Maro**. Paris: Tip. de Rignoux, 1854.



MENDES, Manuel Odorico. **Traduções de Voltaire**. Introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte. São Luís: Edições AML, 1999.

MENDES, Manuel Odorico. **Virgílio Brasileiro ou tradução do poeta latino**. Paris: Na Typographia de W. Remquet, 1858.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (org.). **Eneida Brasileira ou tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro por Manuel Odorico Mendes**. Edição anotada e comentada pelo Grupo Odorico Mendes. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Sintaxe mimética nas traduções virgilianas de Odorico Mendes. **Rónai -Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 9, n. 1, p. 82-99, 2021. DOI: 10.34019/2318-3446.2021.v9.34227. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/34227>. Acesso em: 7 nov. 2024.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto, São Paulo: Editora 34, 2014.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André. Campinas: Sétimo Selo, 2023,

VIRGÍLIO. **Eneida**. Traduzida por José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva (livros IX-XII). Edição organizada por Paulo Sérgio de Vasconcellos, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

## APÊNDICE

Apresentamos abaixo a transcrição do manuscrito que analisamos brevemente neste artigo; modernizamos sua ortografia, mantendo, porém, rigidamente, a pontuação e o emprego de maiúsculas do original. Alterou-se, entretanto, o modo de se indicar as aspas, que no manuscrito vem em padrão diferente do empregado hoje, mas se altera nas versões de 1854 e 1858 para indicá-las à maneira moderna. Acrescentamos a numeração dos versos, o que não há no manuscrito, para que o leitor possa localizar com mais facilidade as passagens mencionadas neste estudo. Ao final, reproduzimos a primeira página da tradução como vem no manuscrito.

LIBRO PRIMEIRO  
DA ENEIDA DE VIRGÍLIO  
TRADUZIDA  
POR  
MA NUEL ODORICO MENDES

LIVRO PRIMEIRO

Eu sou quem d'antes na delgada avena 1  
 Modulei versos, e, ao sair dos bosques,  
 Ao colono, bem que ávido, sujeita  
 Foi a vizinha lavra, aos campestinos  
 Grata empresa: de Marte ora as horríveis 5  
 Armas canto, e o varão que lá de Troia  
 Primeiro à Itália e de Lavino às praias,  
 Prófugo, o trouxe o fado. Em terra muito  
 E no alto o combateu suprema força,  
 E o lembrado rancor da seva Juno; 10  
 Muito em guerras passou, quando a cidade  
 Fundava, e em Lácio recolhia os deuses:  
 Onde a nação Latina e Albanos padres  
 E os muros vêm da sublimada Roma.  
 Musa, as causas me aponta, o ofenso nume 15

Ou por que mágoa a soberana deia

Impeliu na piedade o herói famoso compeliu  
 A transe tais provar, volver tais casos.  
 Pois tantas iras em celestes peitos!  
 Tíria colônia em frente houve da Itália 20  
 Cartago, além das Tiberinas fozes,  
 Possante e rico empório, antigo, aspérrimo  
 N'arte da guerra; à qual se conta Juno  
 Até pospôs a predileta Samos:  
 Seu coche, armas, lá teve; e, anúa o fado, 25  
 No orbe entroná-la então já traça e tenta.  
 Mas ouvira que, as torres subvertendo  
 Tírias, do Troico sangue uma progênie  
 A ser viria, derribada a Líbia,  
 À larga rei, belipotente povo: 30  
 Que assim no fuso as Parcas resolviam.  
 Satúrnica o teme, e as lides que ante Troia  
 Movera já, por seus Aqueus, recorda  
 Nem lhe esquecem agravos, dores cruas:  
 No íntimo impressa a decisão de Páris, 35  
 A injúria da beleza em menoscabo,  
 E a raça detestada, e as honras duram

Do rapto Ganimedes. Nestes ódios  
Mais que acesa, os de Grécia e imano Aquiles  
Salvos Troas do Lácio ia alongando, 40  
Por todo o plaino undíssono arrojados:  
E em derredor vagando anos e anos  
De mar em mar a sorte os repulsava.  
Tão grave era plantar de Roma a gente!  
Da Sicília amarados, mal velejam 45  
Ledos, e o bronze corta a salsa espuma,  
Juno eis, dentro guardando eterna chaga:  
Eu, diz consigo, cederei vencida?  
Nem posso ao Teucro rei vedar a Itália?  
Não, tolhe-me o destino! A esquadra Argiva 50  
Não queimou Palas mesma, submergindo-os.  
Só de um Ajax Oileu por culpa e fúrias?  
Do tonante o corisco ela das nuvens  
Darda, os baixéis desgarras, assanha os mares;  
Ao triste, que varado expira chamas, 55  
Num tufão leva, em rocha aguda o crava:  
E eu, que rainha marchou ante as deidades,  
Mulher e irmã de Jove, tantos anos  
Guerreio um povo! E a Juno há quem adore,  
Ou súplice inda n'ara a incensa e honra?" 60  
Fervendo-lhe isto n'alma, a deusa à pátria  
Nimbosa, prenhe de furentes austros,  
À Eólia parte. Aqui num antro imenso  
O rei preme, encarcera, algema, enfreia  
Lutantes ventos, tempestades roucas. 65  
Em torno aos claustros de indignados fremem  
Com grã rumor do monte. Em celsa roca  
Sentado Eolo, arvora o cetro, e as iras  
Tempera e os amacia. Que o não faça,  
Rápido o mar e a terra e o céu, varridos, 70  
Lá se vão pelos ares. Cauto, em negras  
Furnas o onipotente os aferrolha,  
E a mole sobrepôs de altas montanhas,  
E um rei deu, que mandado a ponto as bridas  
Suster saiba ou laxar. Destarte Juno 75  
O exora humilde: "Eolo (o pai dos divos  
E rei dos homens pois erguer as vagas

Te concede e amainá-las) gente imiga  
 Me sulca o mar Tirreno, para Itália  
 Ílio e vencidos lares transportando: 80  
 Açula os ventos, mete a pique os vasos,  
 Ou dispersos no pego os espedaça.  
 Quatorze esbeltas ninfas me cortejam,  
 Das quais a mais formosa, Deiopeia,  
 Prometo unir contigo em jugo estável; 85  
 Que em paga para sempre a ti se vote,  
 Meiga te procriando egrégia prole.”  
 A quem Eolo: “Que mo indiques basta;+  
 Meu, rainha, é cumprir o que desejes.  
 Tu poder, qual o tenho, e o cetro a Jove 90  
 Me concilias; à divina mesa  
 Tu me recostas, e senhor me fazes  
 De imbríferas procelas.” Disse, e o conto  
 Do bastão cava serra a um lado impele:  
 Num corpo os ventos, dada a porta, ruem, 95  
 As terras varejando: ao mar carregam,  
 E do mais fundo em turbilhão rebentam  
 Noto e Euro juntos, e em tormentas fértil  
 África; e às praias vastas ondas rolam.  
 Soa o pranto, o alarido; enxárcias ringem. 100  
 Foge enublado o céu, some-se o dia:  
 Pousa no pélago atra noite. Os polos  
 Toam, o éter fuzila em crebros raios:  
 Tudo ameaça aos varões presente a morte.  
 Frígido, arrepiado, Eneias geme, 105  
 E alça as palmas e exclama: “Ó três e quatro  
 Vezes ditosos, aos paternos olhos  
 Os que às abas de Troia feneceram!  
 Ó dos Dânaos fortíssimo Tidides!  
 A alma vertendo-me essa destra em Ílio, 110  
 Não ficar eu nos campos, onde o bravo  
 Heitor de Eácide às lançadas, onde  
 Sarpédon jaz magnânimo, onde o Símois  
 Corpos e elmos de heróis, e escudos tantos,  
 Arrebatados na corrente volve!” 115  
 Bradava, e a sibilar ´ponteiro Bóreas  
 Rasga o pano, e a mareta aos astros joga.

Remos estalam, cruza a proa, e a borda  
Rende; escarpado um monte d'água empina-se.  
As naus já no escarcéu pendem, já descem 120  
Num sorvedouro à terra, entre marouços:  
Remoinha o esto na revolta areia.  
Três em latentes pedras Noto esbarra,  
Pedras sitas no mar, que Ítalos aras  
Nomeiam, dorso horrendo á flor das ondas. 125  
Três (que vista!) em restingas Euro encalha  
Remessa aos vaus, de marachões rodeia.  
A Lícia, em que embarcava Oronte fido,  
Grosso rolo, ante o rei, da alheta em cheio  
Fere-a; e do embate o debruçado mestre 130  
Cai de cabeça; o vagalhão três vezes  
Torce-a, revira, um vórtice a devora.  
Raros no vasto pego a nadar surdem.  
Tábuas e armas viris e alfaias Troicas  
Boiam nas ondas. A tormenta escala 135  
A nau robusta de Ilioneu, de Abante  
E as de Aletes grandevo e Acates forte.  
Todas, abertas as costuras, sorvem

A inimiga torrente, em fendas gretam.  
Mugir o ponto e o tempo urrar desfeito, 140  
Cachões do imo a brotar, sentiu Netuno,  
Torvo, abalado; e acode fora e exalta  
A plácida cabeça. A frota esparsa.  
De Eneias vê perdida, a gente opressa  
Da marejada e do ruído etéreo, 145  
De Juno irosa o dolo o irmão percebe.  
Euro e Zéfiro chama: "Herdastes, ventos,  
Tal presunção, que sem meu nume, ousados,  
Já terra e céus mesclais, e equóreas brenhas?  
Eu vos...mas insta abonançar as vagas. 150  
Caro mo pagareis, guardo o castigo.  
Ao rei vosso intimai, já já, que em sorte  
Não lhe coube este império, que o tridente  
Fero é só meu. Tem ele enormes fragas,  
Euro, vossas mansões: nessa aula ufano 155  
Sobre enclaustrados ventos reine Eolo."

Fala, e em menos aplaca o inchado pélagos,  
 Limpa o céu e abre o Sol. Tritão, Cimótoe,  
 As engasgadas naus do escolho empuxam  
 Com força: o deus com seu tridente ajuda; 160  
 E amplas Sirtes afunda, e aplaina os mares;  
 Por cima em rodas se desliza leves.  
 Como, enraivado em popular tumulto,  
 Dispara ignóbil vulgo; e o facho e o canto  
 Já voa: as armas o furor ministra; 165  
 Mas, se um pio ancião preclaro assoma,  
 Calam-se, e à voz cordata ouvidos prestam;  
 Ele os convence, e os ânimos abrandam:  
 Assim cai o fragor e o ponto amansa,  
 Quando olha o padre, e em céu sereno os brutos 170  
 Dobra, e dá loros ao ligeiro carro.  
 Próximas bordas demandando, à Líbia  
 Os cansados Enéadas aproam.  
 Lá num golfo secreto, com seus braços,  
 Faz porto ilha fronteira, onde a mareta 175  
 Quebra, e se escoia em sinuosas rugas.  
 Penedia em redondo, e ao céu minazes  
 Há dous picos irmãos, a cujo abrigo  
 Dorme difuso o mar; de coruscantes  
 Selvas prolonga-se iminente cena, 180  
 Descai de atra espessura horrída sombra;  
 No topo, um antro em pêndulos cachopos,  
 Com doce fonte, e em viva rocha bancos,  
 Das ninfas sede: aqui não prende amarra,  
 Nem mordaz ferro adunco, as lassas quilhas. 185  
 Com sete naus ao todo arriba Eneias;  
 E amorosos da terra, alvoroçados,  
 Saltando os seus, do sal tábidos membros  
 Na areia espraíam. Fere Acates lume,  
 E toma em folhas a faísca, e em cerco 190  
 De acendalhas a nutre, e a chama ateia.  
 Corruptos pães e Cereais aprestos  
 Já desembarca a trabalhada chusma;  
 E os grãos põe-se a torrar, e em mós pisá-los.  
 Trega entanto um penhasco, e ao largo Eneias 195  
 Regira, a ver se undívagos alcança

Anteu, ou Cápis, e as birremes Frígias,  
Ou n'alta popa as armas de Caíco.  
Baixel nenhum, avista só três cervos  
Na praia errantes; segue atrás o armento, 200  
E em longa fila pelos vales pasta.  
Retém-se, e o arco aferra e agudas setas,  
Que armam Acates fido, e presto os guias,  
De arbóreas pontas entoados, prostra:  
Embrenha a demais turba e acossa a tiros, 205  
Té que derriba sete ingentes corpos,  
E iguala as naus. De volta ele os divide;  
E os barris, que à partida o herói Trinácrio  
Bom de vinho atestara, aos seus franqueia;  
Dulcíloquo os mitiga: "Os males, sócios, 210  
Nada estranhámos; oh! mais agros foram;  
Deus mesmo há de acabá-los. Vós de Cila;  
De perto a raiva e escolhos ressonantes,  
Vós Ciclópeos rochedos afrontastes:  
Ânimo! esse temor bani tristonho; 215

90

Talvez isto inda lembre com saudade.  
Por vários casos, lances mil, nos vamos  
Ao Lácio, onde repouso os fados mostram:  
Lá cabe a Troia ressurgir mais bela.  
Duros vos tende, à espera da bonança." 220

Assim profere, e um ar seguro afeta,  
N'alma enferma sufoca a dor profunda.  
Atiram-se às viandas: este esfola,  
Aquele desentranha, outro esposteja;  
Qual trementes no espeto enrosca os lombos, 225  
Fartos, na relva espalham-se, refeitos  
De velho Baco e veação opima.  
Repleta a fome, e as mesas removidas,  
Longo praticam dos perdidos sócios,  
E entre medo e esperança: estão com vida? 230  
Ou na extrema agonia, ao brado surdos?  
O pio herói mais terno a Lico chora,  
O desastre de Amico, o audaz Oronte,  
E o forte Gias e Cloanto forte,

Das alturas, no fim, Jove esguardando	235	
O mar velívolo e as jacentes plagas		
E amplas nações, no vértice do Olimpo		
Quedo, os lumes fitou nos Líbios reinos.		
Quando o absorviam tais cuidados, Vênus,		
Triste e os nítidos olhos orvalhando:	240	
“Ó tu, discorre, que os mortais e os deuses		
Reges eterno, e horríssono fulminas,		
O que te fez meu filho, o que os Troianos,		
Que após tragos letais, não só de Itália,		
Do universo os cancelos se lhes trancam?	245	
Roma deles tirar, deles os cabos		
Que, eras volvendo, restaurado o sangue		
De Teucro, o mar e as terras sofreiassem,		
Nos prometeste: quem mudou-se, ó padre?		
Do ocaso ao menos e desgraça de Ílio	250	
Isto, uns fados com outros compensando,		
Me consolava. Igual fortuna arrasta		
Ora os varões a riscos e a trabalhos:		
Quando os findas, grã rei? De Aqueus escapo,		
Entrar salvo Antenor de Ilíria os seios	255	
E internar-se em Libúrnica, e a fonte obteve		
De Timavo transpor, donde por bocas		
Nove, a montanha a rimbombar, despenha-se		
Ruidoso mar, que empola e o campo alaga.		
Sentou Patávio aqui, deu casa a Teucros,	260	
Nome à gente, e os brasões fixou de Troia;		
Descansa em doce paz. Nós tua estirpe,		
Nós da celeste corte, as naus submersas,		
Ah! de uma por furor, vítimas somos,		
Longe expulsos de Itália? Deste jeito	265	
Se honra a piedade, os cetros nos reservas?”		
Sorrindo-lhe o autor de homens e numes,		
C’um gesto que os bulhões e o ar serena,		
Da filha ósculos liba, e assim lhe torna:		
“Poupa esse medo, Cíprica: imotos jazem	270	
Dos teus os fados; nas Lavínias torres		
Hás de rever-te, e alar sobre as estrelas		
Teu grande Eneias: Júpiter não muda.		
Ele na Itália (esta ânsia te remorde,		



Vou rasgar-te as entranhas do futuro) 275  
Guerras tem de mover e amansar povos,  
E instituir cidades e costumes,  
Ao passo que reinando o vir no Lácio  
Terceiro estio, e, os Rútulos domados,  
Forem-se três invernos. Posto ao leme 280  
Ascânio, que hoje Iulo cognominam  
(Ilo, enquanto Ílion se ergueu soberba)  
Cerrando os meses trinta largos giros,  
Há de a sede Lavínia trasladada,  
Alba Longa munir e abastecê-la. 285  
Os Hectóreos aqui trezentos anos  
Já reinarão, quando a vestal princesa  
Ília parir a Marte gêmea prole.  
Da nutriz loba em fulva pele ovante,  
Rômulo há de erigir Mavórcios muros, 290  
E à recebida gente impor seu nome.  
Metas nem tempos aos de Roma assino:  
O império dei sem fim. Té Juno acerba,  
Que o mar ciosa e a terra e céu fatiga,  
Transmudada em melhor, tem de amparar-me 295  
Do orbe os senhores e a nação togada.  
Praz-me assim. Manem lustros, que inda a casa  
De Assáraco há de ser de Ftia e de Argos  
Senhora, e agrilhoar Micenas clara.  
De Iulo garfo egrégio, em nome e glória 300  
Sucedendo, as conquistas no oceano  
César terminará, nos céus a fama.  
Nos astros sim, de espólios do Oriente  
Onusto, o acolherás; e humanas preces  
Têm de invocá-lo. Então, deposta a guerra, 305  
Se amolgue a férrea idade. A encanecida  
Fé, com Vesta, os irmãos Quirino e Remo  
Ditem leis. Jano feche as diras portas  
Com trancas e aldrabões: sobre armas cruas  
Dentro o ímpio furor sentado, e roxos 310  
Atrás os pulsos em cem nós de bronze,  
Hediondo ruja com sanguínea boca.  
Disse, e despede o gênito de Maia,  
Porque a nova Cartago hospício aos Teucros

Franqueie; nem do fado ínsia a rainha 315  
 Os extermine. O deus pelo ar patente,  
 De asas remando, em Líbia o voo abate:  
 Fiel às ordens, a fereza aos Penos  
 Despe; e Dido mormente a pró dos Frígios  
 Brandos afetos plácidos concebe. 320  
 Toda a noite pensoso o herói velando,  
 A alma luz mal branqueja, explorar tenta  
 Onde abordara, e vendo incultas margens,  
 Pesquisar quem as tem, se homens, se feras,  
 E aos seus noticiá-lo. As naus, ocultas 325  
 N'abra de uns bosques, sob cavada penha,  
 Entre verde espessura e negras sombras,  
 Mete; e só, mais Acates, sai brandindo  
 Duas hastes que empunha de ancho ferro.  
 Da selva em meio a mãe se lhe apresenta, 330  
 Virgem no traje e aspecto, em armas, virgem  
 Lacena; ou qual Harpálice a Treícia  
 Cansa os corcéis, e o Euro vence alífugo.  
 Pois do ombro o arco destro à caçadora  
 Pendura, e às auras a madeixa entrega, 335  
 Dos joelhos nua, e a falda em nó colhida.  
 Ei-la: "Ó moças, errante aqui topastes  
 Irmã minha, a clamar talvez no encalço  
 De javali sanhudo? A cinta aljava  
 Traz sobre a pele de um manchado lince." 340  
 Isto Vênus; e o filho à mãe responde:  
 "Nenhuma ouvi nem vi das irmãs tuas,  
 Ó...quem direi! Não tens mortal semblante,  
 Nem voz de humano som; és deusa, ó virgem.  
 Irmã de Febo ou ninfa? As nossas penas. 345  
 Por quem és, tu minora, e nos ensina,  
 Que à toa andamos sem saber por onde,  
 O país, clima, ou povo, a que arrojou-nos  
 Vento e escarcéu medonho. Hóstia sem conto  
 Havemos de imolar nas aras tuas." 350  
 "Não mereço honras tais, replica Vênus:  
 Usam de aljava, e acima as virgens Tírias  
 Atar às pernas borzeguim purpúreo.  
 Púnicos reinos, Tírios e Agenóreos

Muros vês, nos confins da gente Líbia, 355  
Guerreira e brava. O império rege Dido  
Que por fugir do irmão fugiu de Tiro:  
É longa a injúria, tem rodeios longos;  
Mas traçarei seu curso em breve suma.  
Siqueu, Fenício em lavras opulento, 360  
Foi da mísera esposo, e muito amado:  
Com bom presságio o pai lhe dera intacta.  
Dela o irmão, façanhoso entre os malvados,  
O atroz Pigmalion reinava em Tiro.  
Intervém o furor: com fome de ouro 365  
Cego, e insensível à paixão fraterna,  
Pérfido, ímpio, a Siqueu nas aras mata;  
E o fato encobre, e a crédula esperança  
Da amante aflita longamente ilude  
Com mil simulações. Mas do inumado 370  
Consorte, em esgares espantosos,  
Pálida, em sonhos lhe aparece a imagem:  
Da casa a trama<sup>19</sup> e crime desenleia,  
A ara homicida, os retalhados peitos,  
Desnuda; e à pátria intima-lhe que fuja: 375  
Para o exílio, enterrados velhos cofres  
De ouro e prata lhe indica. Ela assombrada  
Apressa a fuga, e atrai os descontentes,  
Que ou rancor do tirano ou medo instiga;  
Acaso prestes naus, manda assaltá-las; 380  
Dos tesouros do avaro carregadas,  
Empegam-se: a mulher conduz a empresa!  
Chegam da nova Tiro onde as muralhas  
Verás ingentes e o medrado alcáçar:  
Compram solo (do feito o alcunham Birsá) 385  
Quanto um coiro taurino abranja em tiras.  
Mas vós-outros quem sois? donde é que vindes?  
Que regiões buscais?" Ele às perguntas  
Esta resposta, soluçando arranca:  
"Ó deia, se recorro à prima origem, 390  
E anais de angústias não te pejam, Vésper  
No Olimpo encerra o dia antes que eu cesse.

<sup>19</sup> No manuscrito há um lapso: "o trama e crime", corrigido nas edições posteriores com a mudança da ordem dos substantivos: "o crime e trama".

Da antiga Troia (se hás notícia dela)  
De mar em mar corridos, remessou-nos  
Soez borrasca sobre as Líbias costas. 395

Eneias sou, que livres da hostil garra  
Pio trago os Penates embarcados,  
Famoso até na esfera. A pátria Ausônia  
Procuro, e a geração do sumo Jove:  
Por guia a deusa mãe, submisso aos fados, 400  
Em vinte naus cometo o Frígio pego:  
Rotas com temporais me restam sete.  
Pobre, ignoto, vagueio os Líbios ermos,  
D' Ásia e d'Europa exclusivo." Nem mais Vênus  
Sofre queixumes tais, na dor o atalha: 405

"Quem sejas, creio, não do céu malquisto,  
Gozas d'aura vital, que a Tiro aportas.  
Vai-te, aos pórticos régios te encaminha.  
Sem risco os sócios, abrigada a frota,  
Com o virar dos áquilos, te agoiro, 410  
Se em arte vã meus pais não me instruíram.  
Atenta cisnes doze em bando alegres:  
No espaço, o éter fendendo, os perseguia  
A ave de Jove: num cordão agora,  
Ou tem no pouso a mira, ou já pousaram. 415  
Eles, batendo as estridentes asas,  
Brincam cingindo o polo, a salvo cantam:  
Bem como as naus e os teus, ou fundearam,  
Ou de vela enfunada a foz embocam.  
Eia, ali te dirige, a estrada é esta." 420

Volta-se, e fulge então cerviz rosada,  
De ambrosia odor celeste a coma espira;  
Larga o vestido aos pés; no andar se ostenta  
Vera deusa. Ele atrás da mãe fuginte,  
Reconhecendo-a, brada: "Por que o filho 425  
Com tais ficções, cruel, enganas tanto?  
Juntar destra com destra, ouvir-te às claras,  
Responder-te em pessoa, não me é dado?"  
E em queixas, para Tiro o passo aviva.  
Mas Vênus de ar escuro os viandantes 430  
Tapa e os embuça em névoa, que enxergá-los

Ou tocar ninguém possa, nem detê-los  
Ou da vinda informar-se. A deusa a Pafos  
Remonta, a espairecer no sítio ameno,  
Onde o Sabeu perfume arde em cem aras, 435  
E recentes festões seu templo aromam.  
Eis da azinhaga pela trilha cortam;  
E um teso galgam já, que olha iminente  
A fronteira turrígera cidade.  
Palhais d'antes, a mole admira Eneias, 440  
Admira o estrondo, e as portas e as calçadas.  
Tiro afervora-se, a lançar os muros,  
A avultar o castelo, e a rolar pedras:  
Parte com sulcos marca o chão do alvergue;  
Parte ao senado santo, ao foro, à cúria 445  
Assento escolhe; aqui se escavam portos;  
Fundam-se ali magníficos teatros;  
De mármore colossais talham colunas,  
Pompa e decoro das futuras cenas.  
Qual abelhas ao sol por flóreos prados 450  
Lidam na primavera, quando ensaiam  
O adulto enxame; ou doce fluido espessam  
Do néctar flavo retesando as celas;  
Ou quando a carga das que vêm recebem,  
Ou, em batalha, expulsam da colmeia 455  
Os zangões, gente ignava. A obra ferve,  
E a tomilho recende o mel fragrante.  
Feliz povo, a quem já seus muros surgem!<sup>20</sup>  
Exclama o herói, e os coruchéus contempla.  
Entre a chusma, enublado (oh maravilha!) 460  
Invisível se mescla. Um bosque em meio  
Teve a cidade, a cuja amiga sombra  
Náufragos Penos ancorando, a fronte  
Cavaram de um corcel, de Juno régia  
Mostra e penhor que a gente, azada à glória, 465  
Dura na guerra, afrontaria os evos.  
Lá Dido a Juno erguia insigne templo,  
Que ricos dons e o nume realçavam:  
No brônzeo limiar dá brônzea escada,

<sup>20</sup> Não há aspas no manuscrito para reportar esse discurso direto, mas elas são acrescentadas nas versões posteriores.

Craveja o bronze as traves, e a couceira 470  
 Range em portões de bronze. Um novo objeto  
 Neste luco a lenir entra os receios;  
 Aqui primeiro ousou fiar-se Eneias,  
 E prometer-se alívio em seus pesares.  
 Pois quando, à espera da rainha, o templo 475  
 Nota peça por peça, quando o enleva  
 De Cartago a fortuna, o fino gosto,  
 O artifício, o primor, acha em pintura  
 A fio as guerras de Ílion, pelo orbe  
 Já soadas; o Atrida, o rei Troiano, 480  
 E terror de ambos sobressai Aquiles.  
 Para, e em lágrimas diz: “Que terra, ou clima  
 Cheio, Acates, não é dos nossos males?  
 Eis Príamo! o louvor tem cá seus prêmios,  
 Dói mágoa alheira, e sobrevive o pranto. 485  
 Ânimo! em nosso bem conspira a fama.”  
 Disse, e em vãos quadros se apascenta, e as faces  
 Gemebundo umedece em largo arroio.  
 Vê de Pérgamo em roda a hoste Graia  
 Do Frígio ardor fugir, fugir a Teucra 490  
 Do instante carro do emplumado Aquiles.  
 Ai! perto a Reso por traição Tidides,  
 No primo sono, arrasa as níveas tendas,  
 Da carnagem cruento; e os acres brutos  
 Volve a seu campo, sem gostado haverem 495  
 De Troia os pastos, nem bebido o Xanto.  
 Infeliz! desarmado, além, Troílo,  
 Que arrostou-se menino ao rijo Aquiles,  
 É dos corcéis tirado, e ressupino,  
 Mas tendo os loros, do vazio carro 500  
 Pende; e a cerviz no pó, de rojo a coma,  
 Virada a lança hostil na areia escreve.  
 Em cabelo, as Ilíadas aflitas  
 Ao templo iam também da iníqua Palas,  
 O peplo humildes ofertando, e os peitos 505  
 Com punhadas ferindo. Aversa a deia  
 Olhos no chão pregava. A Heitor Pelides  
 Vezes três arrastara em torno aos muros,  
 E o cadáver cedia a peso de ouro:

D'alma um longo gemido Eneas solta, 510  
Ao ver o espólio, o coche, o amigo exânime,  
E Príamo estendendo as mãos inermes.  
No mor conflito a si se reconhece,  
Do negro rei do Eoo a turma e as armas.  
À testa de milhares de Amazonas 515  
Com lunados broquéis, Pentesileia  
Se abrasa em fúria, belicosa atando  
Sob a despida mama um cinto de ouro,  
E virgem com varões brigar se atreve.  
Quando, extático, o herói se enleia e prende, 520  
Gentil belíssima a rainha ao templo  
Marcha, de jovens com loução cortejo.  
Qual nas ribas do Eurotas ou do Cinto  
Pelos cerros Diana exerce os coros,<sup>21</sup>  
E, de infindas Oréadas seguida, 525  
Carcás ao ombro, em garbo as sobreleva:  
Rega-se em gozo tácito Latona.  
Tal era Dido, airosa e prazenteira,  
Do seu reino a grandeza apressurando.  
No ádito sacro, em meio do zimbório, 530  
De armas cercada, em sólio majestoso  
Senta-se. Os pleitos julga e leis prescreve,  
Regra ou sorteia os públicos trabalhos.  
Súbito Eneas no tropel divisa  
A Cloanto brioso, Anteu, Sergesto, 535  
E os mais que atra borrasca a longes costas  
Arrojara dispersos. Ele e Acates  
Tomados pasmam de alegria e medo:  
Ávidos ardem por travar as destros;  
Força ignota os perturba. Dissimulam; 540  
E a ventura dos seus do encerro espreitam  
Nebuloso, e onde as naus deixaram surtas,  
E a que vem, que da frota os mais conspícuos  
Gritando, a pedir vênias, ao templo acodem.  
Introduzidos, quando a vez tiveram 545  
Rompe o idoso Ilioneu, facundo e grave:  
"Rainha, ó tu que por favor supremo  
Fundas nova cidade, e justa enfreias

<sup>21</sup> "Cerros" se torna posteriormente "serros".

Soberbas gentes, os Troianos ouve,  
 Tristes ludíbrios de tufões e mares: 550  
 Livra do infando incêndio a pia armada,  
 Poupa inocentes, nossa causa atende.  
 Nem vimos nós meter a ferro e fogo,  
 Nem saquear os Líbicos Penates:  
 A vencidos não cabe audácia tanta. 555  
 País antigo existe, em grego Hespéria,  
 Armipotente e ubérrimo, colônia  
 Já de Enótrios varões: agora é fama  
 Que, de um seu capitão, se diz Itália.  
 Esta era nossa rota: eis que em vaus cegos 560  
 Deu conosco de salto Orion chuvoso,  
 E, em sanha o pélagos e os protervos austros,  
 Nos derramou por ondas e ínvias fragas:  
 Poucos ganhamos pé nas vossas praias.  
 Pátria e raça feroz! bárbara usança! 565  
 Pisar em terra mãos hostis nos vedam:  
 Da areia o asilo a náufragos proíbem.  
 Se as armas desprezais e as leis humanas,  
 O céu mede as ações, premeia e pune.  
 Rei nosso Eneias é, que a ninguém cede, 570  
 Justo e pio, valente e belicoso:  
 Se aura etérea o sustenta e o guarda o fado,  
 Se aos cruéis manes escapou, sossega,  
 De o penhorar primeiro não te peses.  
 Cidades em Sicília e campos temos, 575  
 E de sangue Troiano o claro Acestes.  
 Amarrar nos permite os rotos vasos,  
 Remos talhar, cortar na selva antenas;  
 Com que alegres, se Itália nos aguarda,  
 Os sócios e o rei salvo, ao Lácio vamos: 580  
 Mas, se te há consumido o mar da Líbia,  
 Ótimo pai dos Teucros, nem de Iulo  
 Já nos resta esperança, ao porto embora,  
 Onde arribamos, a buscar tornemos  
 A apercebida Sícula hospedagem 585  
 E o régio amparo." O Dárdano termina:

Lavra entre os seus aprovador sussurro.



Baixa o vulto, e se explica em breve Dido:  
“Sus, Teucros, esforçai. Recente o estado<sup>22</sup>  
Ao rigor me constrange, e a defender-me 590  
Guarnecendo as fronteiras. Quem de Eneias  
Desconhece a prosápia, e as guerras de Ílio;  
Seu valor, seus heróis, seu vasto incêndio?  
Nem somos nós tão brancos, nem de Tiro  
Tão desviado o Sol junte os cavalos. 595  
Quer a Satúrnica Hespéria, quer de Erice  
Opteis as margens em que reina Acestes,  
Contai com meu socorro e salvaguarda.  
Folgais de aqui ficar? esta cidade  
Que erijo é vossa: as naus que se aproximem: 600  
Não farei distinção de Frígio a Peno.

Fosse o rei vosso à Líbia compelido  
Do mesmo Noto! O litoral já mando  
E os sertões perlustrar, se é que o naufrágio  
Em povoado ou brenha o traz errante.” 605

De ouvido alerta, o padre e o companheiro  
Há muito almejam por quebrar a nuvem.  
A Eneias se antecipa o forte Acates:  
“Nado de Vênus, que tenção revolves?  
Tens a frota em seguro, os teus benquistos; 610  
Um só que falta, soçobrar o vimos:  
Ao que a mãe te esboçou quadra o mais tudo.”  
Mal acabava, quando a circunfusa  
Nuvem se rasga e funde-se nos ares.  
Um deus na espalda e rosto, à claridade 615  
Resplende Eneias; que num sopro a deusa  
Ao filho a cabeleira em fulgor banha,  
Em luz purpúrea o juvenil semblante,  
Em vivo terno agrado os olhos belos.  
Qual pela indústria, com entalhos de ouro, 620  
Pário mármore, ou prata, ou marfim brilha.

De improviso à rainha e a todos clama:  
“Eis quem buscais, Eneias, subtraído  
À fúria undosa. Ó única em ter mágoa

---

<sup>22</sup> “Estado”, com inicial minúscula no manuscrito e na versão de 1854, ganha inicial maiúscula na publicação de 1858.

De tanto horror, que a nós de Troia restos, 625  
 Da Grécia escárnio, em terra e mar batidos,  
 Falhos de tudo, exaustos, em teu reino,  
 Em casa, nos recolhes e associas!  
 Nem pagar-te as finezas dignamente  
 Podemos, Dido, nem da gente Frígia 630  
 Quantos pelo universo peregrinam.  
 Se para os bons há numes, há justiça,  
 Pague-te o céu, e a própria consciência.  
 Que século feliz! que pais ditosos  
 Te houveram filha! Enquanto os vagos rios 635  
 Forem-se ao mar, enquanto em giro a sombra  
 Descer do monte ao vale, enquanto o polo  
 Pacer os astros, onde quer que eu viva,  
 Viverá com louvor teu nome e fama.”  
 Disse, e a destra oferece ao velho amigo, 640  
 A sinistra a Seresto. E uns após outros,  
 A Gias, a Cloanto, e aos mais guerreiros.  
 Da presença do herói pasma a Sidônia,  
 Pasma do seu penar; e assim se exprime:  
 “Que fado te urge, ó filho da alma Vênus, 645  
 A tais perigos e a bravias plagas?  
 És o Eneias, que a deusa ao nobre Anquises  
 Gerou do Símois ante as ondas Frígias?  
 Bem me lembra que Teucro, expatriado,  
 Veio a Sidônia, para um novo império 650  
 Pedir auxílio a Belo: a opima Chipre  
 Já vencedor meu pai vastava e tinha.  
 De Troia os casos desde então conheço,  
 Teu nome, e os reis Pelasgos. Sempre ufano  
 Da Teucra antiga stirpe, ele ofendido 655  
 Com sublime louvor gabava os Teucros.  
 Eia, à minha morada, ó moços, vinde.  
 Por transe mil, correndo iguais tormentas,  
 Pude enfim repousar. Do mal provando,  
 A socorrer os míseros aprendo.” 660

Isto memora; e aos paços guia Eneias,  
 E ocupa as aras com solenes honras.  
 Nem de enviar aos nautas se descuida  
 Vinte touros, co’as mães cem gordos anhos,

Cem corpulentos sedeúdos porcos, <sup>23</sup>	665
E o doce mimo do jocoso Brômio.	
Luxo esplende real no interno alcáçar,	
E opíperos banquetes se adereçam:	
Primoroso o tapiz, de ostro soberbo;	
Nas mesas prataria; em ouro a história	670
Pátria esculpida, sucessão longuíssima	
De uns a outros varões desde alta origem.	
Saudoso, impaciente, o pai de Ascânio	
Todo em seu filho está: para inteirá-lo,	
E conduzir de bordo, expede Acates.	675
Do Troico exício as preservadas prendas	
Venham também: de escamas de ouro um manto	
Brocado, um véu com ramos guarnecido	
De cróceo acanto, ornatos peregrinos,	
Dons maternos de Leda à bela Argiva,	680
Que a Pérgamo os trouxera de Micenas,	
À incasta boda; e o cetro que Ilione,	
Filha a maior de Príamo, hasteava,	
E engranzado colar de perlas finas,	
E áurea coroa de engastadas gemas.	685
Executivo, às naus caminha Acates.	
Nova traça urde a Cípria, alvitres novos;	
Que Amor, no meigo Iulo transformado,	
C'os dons nos ossos à rainha infiltre	
Insano fogo. A estância ambígua, os Tírios	690
Bilingues teme; Juno atroz a inflama;	
Tresnoitada a pensar, enfim conjura	
O alígero Cupido: "Ó filho, esteio	
Único e meu poder, filho, que em pouco	
Tens as Tifeias soberanas armas,	695
És meu refúgio, teu arrimo imploro.	
Bem vês que a teu irmão de praia em praia,	
Fluctívago, arremessa a iníqua Juno;	
E dói-te a nossa dor. Com mil carícias	
Tem-no a Sidônia Dido, e o paradeiro	700
Dos Junônios hospícios mal o enxergo:	

<sup>23</sup> Esse verso falta no corpo do texto, mas Odorico acrescentou um asterisco entre o verso anterior e o posterior, sinalizando para uma nota que vem no final do manuscrito, onde escreve o verso que aqui, por lapso, faltou.

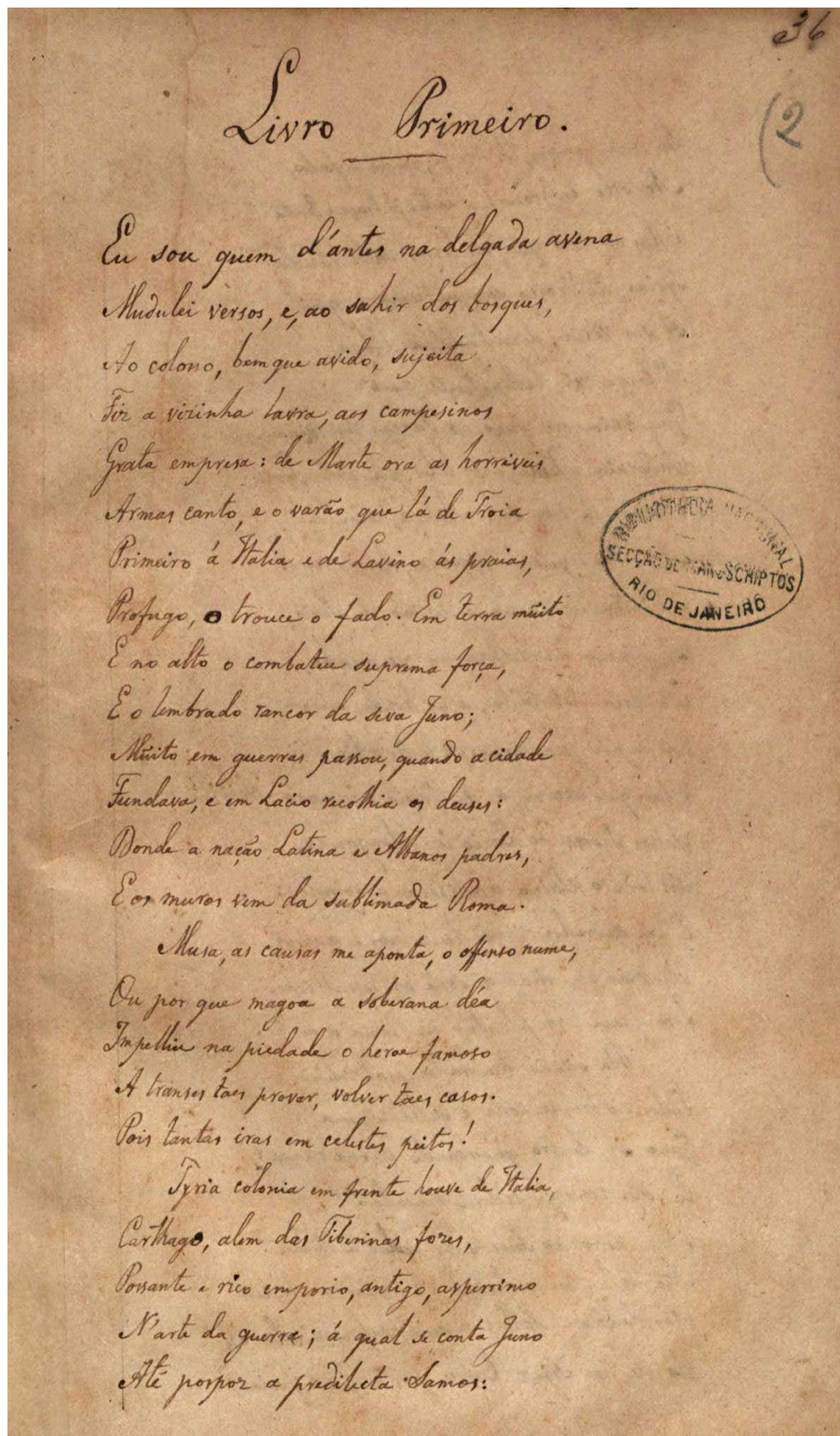
É de tentá-la o ensejo. Eu receosa  
 Previno os dolos, acender medito  
 A rainha; que um nume a não trastorne,  
 Mas firme seja ao meu querido Eneias. 705  
 Ouve o como há de ser. O infante régio  
 Desvelo meu, do genitor chamado,  
 Levar a Birsa as dádivas propõe-se,  
 Dos vagos restos, e das Teucras chamas:  
 Sopito em sono o esconderei no Idálio 710  
 Jardim sacro, ou nos bosques de Citera;  
 Porque os ardis não turbe inopinado.  
 Tu nele te disfarça uma só noite,  
 Do menino as feições verte menino;  
 E, entre o Lieu licor e as reais mesas, 715  
 Quando em seu grêmio Dido, em cabo leda,  
 Amplexos te imprimir e doces beijos,  
 Fogo lhe inspire e sutil veneno".  
 À voz da cara mãe depondo as asas,  
 Finge contente Amor de Iulo o porte. 720  
 Ela em sono abebera o neto amado;  
 No colo amima e o sobe ao luco Idálio,  
 Onde mole e suave manjerona  
 Entre flores o abraça e fresca sombra.  
 E, obediente, os régios dons Cupido 725  
 Leva aos Tírios, folgando após Acates.  
 Já de áurea tela em suntuoso leito  
 Acha a Dido, bizarra entre os magnatas.  
 Com séquito luzido, o herói concorre;  
 Tomam seu posto em púrpura excelente. 730  
 Dá-se água às mãos, em canistréis vem Ceres,  
 Toalhas servem de tosada felpa.  
 Cincoenta moças frutas e viandas  
 Arranjam dentro, os Lares turificam;  
 Cem outras, e iguais moços, põem nas mesas 735  
 A baixela., a bebida e as iguarias.  
 Em mó nas salas festivos, os Tírios  
 De ordem recostam-se em coxins lavrados,  
 O padre, o falso Ascânio, o vulto admiram  
 Flagrante, e a voz do deus; o manto, as joias, 740  
 E o cróceo rico véu. Não farta a mente

A mísera Fenissa, à mortal peste  
Votada, e mais e mais se abrasa olhando  
O menino e seus dons. Do pai fingido  
Ele entre os braços, do pescoço apenso, 745  
Mal sacia-lhe o amor, vai-se à rainha.  
Com olhos e alma se lhe apegava Dido,  
No grêmio o assenta, sem saber (coitada!)  
Que deus afaga. O aluno de Acidália  
Siqueu aos poucos remover começa, 750  
E intenso ardor insinuar procura  
Num coração já frio, e há muito esquivo.  
A primeira coberta alçada, os vinhos  
Bolham coroados em bojudas copas.  
Retumba o teto, o estrépito por amplos 755  
Átrios reboa: de áureas arquitrave  
Pendientes lustres, e brandões acesos  
A noite vencem. Grave de ouro e gemas  
Pede-a logo a rainha, e do mais puro  
Enche a taça, que desde Belo usaram 760  
Seus avós. Nos salões tudo é silêncio:  
“Júpiter, se é que aos hóspedes legislas,  
Tão fausto alegre dia aos meus e aos Frígios,  
Faze aos vindouros memorável: Baco  
Porta-júbilo assista, e a boa Juno. 765  
Vós o convite celebrai-me, ó Tírios.”  
Em honra então na mesa o vaso entorna,  
Com seus lábios o toca, e o dá libado  
A Bícias incitando: ele aguçoso  
Empina a espúmea taça, em trasbordante 770  
Ouro se ensopa: toa a corte o imita.  
Eis que entoa as lições do sábio Atlante  
Em áurea cítara o crinito Iopas:  
Canta a Solar fadiga e a Lua instável;  
Donde homens e animais, tufões e raios; 775  
Donde o chuvoso Arcturo, e os Triões gêmeos,  
E as Híadas provêm; como apressados  
Se tingem no oceano os sóis hibernos,  
Ou que demora estorva as tardas noites.  
Penos e Troas à porfia o aplaudem. 780  
O serão entretida ia estirando

A infeliz Dido, e longo o amor bebia,  
Muito de Príamo, inquirindo muito  
De Heitor; que armas da Aurora o filho trouxe,  
Diomedes que frisões, quejando Aquiles. 785

“Do princípio antes, hóspede, as insídias  
Graias, disse, nos conta, e o pátrio excídio,  
E erros teus; que já seteno estio  
De praia em praia todo o mar volteias.”

Página seguinte: imagem da primeira folha da tradução (fonte:  
[https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1487495/mss1487495.pdf](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1487495/mss1487495.pdf)).



Data de envio: 10/11/2024

Data de aprovação: 3/9/2025

Data de publicação: 19/12/2025